

A GAZETA

PROPRIETARIO E DIRECTOR—Victal d'Araujo

ANNO I.	Redacção e typographia. A Praça da Matriz	Publica-se seis vezes por mez Cuyabá (Matto-Grosso) 26 de Julho de 1889	Assignaturas TRIMESTRE 3,000 rs Pagamento adiantado	NUMERO 48
---------	---	---	---	-----------

A Gazeta

A Republica no Brazil

(Continuação)

IV

O estado em que a monarchia por o brasil é desgraçado.

As terras estão quasi todas desconhecidas: os portos de mar quasi estragados, estupidos.

Não temos quasi industria, fabricas, &c: tudo vem do estrangeiro.

A lavoura está mal sem braços, cheia de dividas, no antigo ramerrão: as mattas não se replantam, e planta-se quasi somente café e canna. Não ha uma escola de lavradores.

O commercio não está bom, porque a lavoura está mal, e é ignorante, em geral, porque não ha escolas de commercio.

Os trabalhadores não tem instrução alguma, nem nos lugares onde houver colonos poderão concorrer com estes nos meios de ganhar dinheiro.

Os limites com as outras nações não estão bem certos, e com a Republica Argentina ha uma questão por causa do territorio das Missões.

Nas provincias todos os dias ha motins, desordens, não se quer pagar impostos e n'algumas, como S. Paulo e Pará, fala se muito em separação do imperio, si as cousas continuarem como são.

A policia é desordeira, e n'alguns lugares nem existe.

Os militares queixam-se com razão, de falta de organização no exercito, e de injustiças continuadas nas promoções.

Não ha respeito à lei; o povo ja têm entrado pela cadeia, tirado os presos, e os tem morto na rua. Alguns juizes tem sido apedrejados e enxotados dos seus termos.

A religião está decadente; D. Pedro 2.^o prendendo os bispos, enfraqueceu a religião e humilhou os padres.

Estamos muito pobres: o paiz deve muito ao estrangeiro e aos próprios cidadãos; vive a pedir dinheiro emprestado, e nunca pôde pagar o que deve. No entanto, só a familia do imperador ganha 1.600 contos por anno. O imperador tem 800 contos; mas não sustenta a mulher, que tem 96 contos; nem os filhos, que têm 6 contos logo que nascem: a filha tem 150 contos, por anno, alem do dote, e assim por diante.

Deste modo, não ha meio de endireitar as finanças da nação: a monarchia é muito cara: não nos pôde servir.

Estamos muito pobres. No entanto temos, uma perção de diplomatas, q' ganham muito; divertem-se muito, na Europa principalmente, e quasi nada fazem. Dizem que toda essa diplomacia é necessaria para um imperio; a monarchia é muito cara; não nos pode servir.

Commissões, altos empregos, despesas com os

artigos nos *a. pedidos* dos jornaes para defenderem o governo, e muitas outras cousas, devoram o dinheiro da nação. E o pobre povo é que paga tudo.

V

Os monarchas no Brasil têm feito mal ao paiz.

Desde o anno de 1500 até o de 1822 tivemos como monarchas, os reis de Portugal; de 1822 até hoje os nossos imperadores.

Que fizeram os reis?

D. Manoel encheu-nos de sentenciados e de escravos. No tempo de D. Sebastião, um governador matou quasi todos os *fazendeiros*, indigenas que se poderiam talvez aproveitar. Felipe 2.^o nagou um titulo a um homem que mostraria umas minas com riquezas enormes, Felipe 3.^o não quiz ajudar a João Vieira, portuguez, a combater os holandezes que tinham-se apesando da parte do Brazil. João 5.^o enriqueceu os que o cercavam com o ouro de Minas, enquanto nós, estavamos na miseria. Maria I mandou enforcar Tiradentes por querer a independencia nosso paiz. D. João 6.^o arruinou o nosso thesouro, e mandou matar os patriotas que em 1817 quizeram de novo a independencia.

Pedro 4.^o foi trahidor ao paiz, D. João 6.^o, ajudando a independencia do Brazil, depois de ter promettido não fazel-a, e foi ingrato para com José Bonifacio q' lhe deu o throno. Foi corrupto e despota. Tanto fez que em 1831 houve uma revolução e teve de ir-se embora. (Cont.)

NOTICIARIO

Desobstrução de Cachoeiras.

Depois de inauditos esforços empregados pelos nossos representantes do Senado e da Camara dos deputados, o governo consideo-nos a somma de vinte centos de reis para a desobstrução das cachoeiras existentes desde o porto desta cidade até o da villa do Rosario.

Foi um dos maiores afazeres que o nosso «pater nabo» governo nos tem dis pensado, pois que vem elle attender a uma das grandes necessidades com que lutamos.

Pois bem; contrista-nos dizel-o, mais é preciso:

Estamos informados, por pessoa fidedigna, de q' a obra da desobstrução d'essas cachoeiras vai ser feita administrativamente sendo d'ella encarregado, pela presidencia da provincia, o sr. dr. Antonio Alves Ribeiro, engenheiro provincial.

Expliquemo-nos:

Contrista-nos transmittir esta noticia, a da obra feita por administração, porque temos ouvido de pessoas autorizadas e suspeitas que gastar-se-ha toda a verba decretada para esse fim e que ficaremos, talvez, do mesmo modo — com as cachoeiras.

No entretanto sabemos que, se S. Ex. o Sr. dr. vice-presidente quizer, isto é, mandando convidar por editaes consorrentes, haverá quem se proponha a fazer o serviço por muito menos dos vinte centos — por 15.

«Chamos, pois, prudente que, S. Ex. refletindo melhor sobre este importante assumpto, mande publicar editaes chamando concorrentes para os trabalhos da desobstrução das referidas cachoeiras.

Assim lucrarão os cofres publicos e lucrará esse importante serviço.

E' o nosso modo de pensar de harmonia com a opinião geral sem que n'elle ve offensa alguma ao patriotismo nem a proficiência do sr. dr. engenheiro da provincia.

Reação politica.—Foram demittidos da secretaria da presidencia os srs. Celestino Vieira Nery do lugar de official e Benedicto José das Neves do de amanuense; nestas vagas foram nomeados Francisco Vieira Nery — Gabriel de Andrade, e para praticante o cidadão Amaro Vieira de Barros, na vaga deixado pelo segundo.

—Exonerado o dr. Jose Leite Pereira Gomes do cargo de engenheiro da provincia substituindo-o o dr. Antonio Alves Ribeiro.

—Exonerados: de ajudante do pedagogo do arsenal de guerra o cidadão J. Gomes de Araujo e nomea-

do o alferes honorario Jose Soares do Couto.

—Do Laboratorio Pyrotechnico foram demittidos: Manoel João Nepomoceno, de amanuense e Antonio Camillo Ferreira de porteiro —sendo nomeado para o primeiro lugar Dario Rocha e para o segundo ignoramos.

—Foram demittidos—de almoxarifa interino do arsenal de guerra o cidadão Theophilo Antunes de Miranda, Luiz Ernesto Pinto, de feitor, Agostinho Teixeira Coelho guarda fiel do deposito de pólvora, J. Antonio da Silva mestre da officina de obras brancas e Francisco Correa operario.

—Exonerados todos os empregados da camara municipal desta capital desde o secretario até o porteiro e nomeado pessoal novo.

—Exonerado do lugar de archivista da secretaria do governo o sr. Jeronimo Gomes de Macerata que substituiu o sr. Francisco da Costa Campos no lugar de escriptor da 1ª recebedoria da capital sendo nomeado archivista o sr. Custodio Alves Ferreira nosso collega d'«A Tribuna».

—Foram exonerados—do lugar da secretario do

Lyceo sayabano o sr. Jose Paulino de Araujo e nomeado Olegario Pinto de Souza; João Baptista de Souza Franco de professor da Vargem grande, d. Mariana Theresza de Jesus de professor do Coxipó da ponte, e Nabor Franco de Camargo professor das Brotas—reintegrado Joaquim Pio de Souza Machado.

Hydraulica.—Foi demittido de agente auxiliar o sr. Francisco de Paula Correa e nomeado para o mesmo lugar Luiz Manoel da Avila.

Thezouro provincial.—Foi exonerado o sr. Affonso Anastacio M. de Mendonça de solicitador dos feitos da fazenda e nomeado o cidadão J. Martins Fernandes.

—Foi exonerado o sr. Jose estevão Correa do cargo de inspector parochial dos estudos da capital e assim todos os das outras localidades.

Secretaria do governo.—Foi demittido de amanuense da secretaria do governo o cidadão Jose de Góes Peixoto de Azevedo e nomeado o sr. Manoel Luiz Pereira.

Thezouraria de Fazenda.—Foi suspenso pelo dr. vice presiden-

te da provincia o sr. capitão J. Augusto de Carqueira Caldas, do lugar de thesoureiro da thesouraria de fazenda e nomeado para substitui-lo o sr. tenente Antonio Joaquim de Faria Albenaz.

Do lugar de collector das rendas gerais da capital, foi demittido, por inepto (!), pelo inspector da thesouraria de fazenda q' o fez de ordem superior, o sr. Jose da Silva Tavares, honrado funcionario sobre o qual não péra a mais insignificante falta durante os 12 annos em que, com o maior criterio, circumspecção e illibada honestidade exerceo esse lugar.

Aniversarios.—Completo no dia 12 do corrente mais uma primavera de existencia a exma. sra. d. Anna Rita Gaudie de Albuquerque, filha do nosso particular amigo o sr. capitão André Virgilio Pereira de Albuquerque.

Por tão jueto motivo o sr. André Virgilio reuniu em sua casa, na noite desse dia, alguns de seus amigos intimos e obsequiou-os com uma bem servida mesa de doces, sendo nessa

Folhetim.

O primeiro beijo

São dez horas da noite: na rua de *** o sobrado de D. Margarida levanta-se soberbo, com toda a alvizez da nobreza. E, enquanto por fóra está todo galhardamente alluminado; lá dentro ferve o baile em seu maior furor. Na rua passa o mendigo, — tiritando de frio, soffrendo fome, tendo por tecto a immensa aboboda azulada do firmamento, e por luz—os raios que a lua dardeja indolente sobre os mortaes: lá dentro, porém, os ricos folgam, dançam, bebem e entregam-se aos vãos prazeres do mundo. E o palaceté attrahe a attenção pelo murmurio denotador de prazeres.

A porta, onde estão agrupados os criados dos grandes senhores, custa-se a transpor: penetramos.

Musica, flores, luzes e perfumes enebriam os sentidos do convidado ao entrar: a sala, ornada ricamente com todos os rigores da moda, está repleta de senhoras e cavalheiros. E, enquanto os jovens entregam-se aos prazeres da valsa e os velhos á politica, conversam outros sobre o assumpto da festa: escute-mos, leitora.

—A D. Margarida esmerou-se, Alfredo.

—E' verdade, meu amigo: a festa está na altura do acontecimento que solemnizamos.

—Sim: D. Margarida, casando hoje sua filha, fez bem em não poupar para o brilhantismo da festa.

E' pois o casamento de

Virginia, filha de Margarida, o objecto dos festejos. Passemos á outra sala.

No meio d'um grupo de encantadoras jovens,—verdadeiro «bouquet» de milmosas flores,—está assentada languidamente uma virgem vestida de branco: é Virginia, a noiva.

Romancescamente bella, Virginia parece ser um d'esses objectos de maravilha, postos no mundo pelo creator, para se ver até onde pôde chegar a perfeição de suas obras.

Está vestida de branco, dissemos; na fronte tem uma grinalda de flores de laranjeira, — emblema de pureza, e sobre o rosto lhe cacha um fino e nívio veio, que mais realça da aquella belleza ideal.

Tem os olhos modestamente baixos, e nas avelludadas pestanas duas la-

grimas crystallinas brillam às vezes; os labios entreabertos, o peito offegante amarrola as rendas do vestido com uma macincha de neve, n'um dedo da qual vê-se um simples anelzinho de ouro,—sympolo de aliança.

Deixemos, porém, a ergup das virgens; respeitemos as lagrimas da noiva, procuremos o noivo.

Alem, na outra extremidade da sala, ha tambem um grupo de maneches—d'entre elles um ha que recebe dos amigos lisongeiros cumprimentos — é Arthur, o noivo de Virginia.

Trajando-se todo de preto, Arthur afaga o negro bigote com a mão em que tem, n'um dado, o anel collocado pela noiva, e

ocasião trocados muitos
brindes em que demonstra-
ram os convidados o grão
de estima em q' têm o sr.
André e sua digna filha.

Comprimentando a exma.
srna. d. Anna Rita, feze-
mos votos para que seja a
sua existencia muitas ve-
zes duplicada e juncada
de flores.

Com prazer registramos
tambem os anniversarios
natalicios do esperançoso
moçoinho Austreclino Persei-
ra Jorge, filho do distincto
cuyabano capitão Thomaz
Pereira Jorge, e da exma.
sr. d. Mariana Navarros,
digna filha do nosso parti-
cular amigo capitão Anto-
nio Maria de M. Navarros;
ambos acontecidos no dia
23.

Secção Livre

**Discurso proferido
no banquete republi-
cano pelo Sr. Francisco
Agostinho Ribeiro.**

Meus concidadãos:

Cabe-me, por delegação do
presidente da directoria do
nosso partido, a honra imme-
recida de proferir este discurs-
so inaugural.

com a outra aperta um par
de finas luvas.

Contente entre os com-
panheiros, Arthur contem-
pla a espaços Virginia, e
então passa-lhe pelos la-
bios um sorriso cheio de a-
mor e prazer. E' feliz, seus
olhos o dizem.

Mas.... enquanto con-
templamos os dois grupos,
e n'elles— Virginia e Ar-
thur, continua o baile com
tudo o seu cortejo de encan-
tos.

São tres horas da ma-
nhã—acabou-se o baile.

O palacete de D. Marga-
rida já não está como a al-
gumas horas antes—os ul-
timos convidados que ainda
alli estão, despedem-se de
Margarida que deixa osci-
par do peito sentidos solu-
ços. Margarida chora, mas

ral dos correios desta Pro-
vincia declara se que no
dia 6 de Agosto proximo
futuro, serão recebidas
pelas 11 horas da manhã
nesta repartição, propos-
tas para o serviço de con-
ducção de malas nas linhas
fluvias de Corumbá á S.
Luiz de Cáceres e de Co-
rumbá á Miranda, durante
o anno de 1890.

As bazas para o contra-
to podem ser vistas nesta
repartição todos os dias,
durante as horas de espe-
diente, e as propostas re-
cebidas serão abertas em
presença dos concorrentes
que anticipadamente de-
verão declarar com sua
assignatura, se acceitão ou
não as bazas para o con-
tracto.

As propostas versarão
sobre o quantum pelo ser-
viço durante o anno, o pre-
ço da passagem de ré e
prôa; o preço dos fretes de
carga por cada um litro e
15 kilos de mercadorias, o
desconto que sofrerem as
passagens e cargas do go-
verno, quer geral, quer
provincial, e finalmente
as mais vantagens que me-
lhor possam ficar consigna-
das no respectivo contrac-
to.

Correio em Cuyabá, 4
de Julho de 1889.

O Administrador,

A. V. Pereira de Albu-
querque.

Anuncio

Cavallhada.

Está proxima a chega-
da a esta capital de uma
luzida e bonita cavallhada
Paranista composta de du-
zentos e tantos animacs en-
tre cavallos e éguas.

Previne aquelles que de-
sejam fazer acquisição de
bons e bonitos cavallos
para que se reservem para
a proxima vinda da mes-
ma cavallhada que se effe-
tuará por estes dias.

Cuyabá, 27 de Junho de
1889.

Joaquim Francisco de
Mattos.